

O salto primordial, a ruptura original pela qual se deu in illo tempore e se dando sempre a nossa situação, é acessível à nossa contemplação basicamente por três caminhos: pela reflexão especulativa, pelas mitos e pela experiência existencial. Uma palavra de cautela, entretanto: Quando digo: "acessível", pretendo que podemos compreender esse salto, isto é, assimilá-lo ao nosso intelecto. Sendo o salto a origem do intelecto, não é intelectualizável, não é pensável, não é discursível. Mas, num esforço conjugado de disciplina, imaginação e humildade o intelecto, o pensamento, a língua podem avançar até ele. É neste sentido que usei a palavra "acessível". A reflexão especulativa revelará o aspecto epistemológico do salto primordial. Revelará o nome próprio como limite do intelecto, isto é como origem do processo de pensamento, e, em consequência, como barreira da reflexão. O nome próprio, com seu conteúdo infinito e seu significado extra-intelectual, totalmente diferente do intelecto, é o aspecto especulativo do salto primordial, é até onde podemos avançar especulativamente em direção a ele. O mito revelará o aspecto ético do salto primordial. Conceitos como "pecado original", "crime prometico", ou "assassinato de Seth" ilustram o que tenho em mente. A experiência existencial revelará o aspecto estético do salto primordial. É este aspecto será o tema da conferência de hoje.

Como descrever essa experiência? Heidegger fala da clara noite da angústia do nada, na qual os entes revelam o que são, a saber entes e não nada. Goethe diz que aquele quem nunca comeu seu pão com lágrimas, não vós conhece, poderes celestiais. Os grandes gênios do misticismo concordam todos em descrever essa experiência como luminosidade que os inunda. Os profetas de Israel a experimentam como voz Divina que fala por eles e através deles. Os gregos falavam em musas, aqueles bocas dos deuses. Mas a experiência, embora rara, fugaz e exaltada, é comum a todos nós, devemos portanto poder relatá-la com nossas próprias palavras. Farei um esforço neste sentido e peço a sua indulgência, se esse esforço não resultar na majestade dos exemplos citados.

Há instantes durante os quais o inominável me invade. São instantes que suspendem a correnteza dos pensamentos e interrompem, de golpe, a dúvida mais ou menos metódica que sou. Interrupção da dúvida, suspensão do pensamento são sinônimos de aniquilamento. Trata-se, portanto, de instantes de aniquilamento. Sou invadido pelo nada. Dêsse instante de invasão posso falar apenas post festum, e mesmo assim somente em parábolas e simbolicamente. É como rasgar das nuvens que são os meus pensamentos, enfim o meu Eu. É como um terror que liberta. É como uma libertação que aterroriza. É como um salvar-se e um dissolver-se. É como uma morte e uma ressurreição. Mas todas essas parábolas são possivelmente exaltadas demais para descrever uma experiência tão fugaz e tão frágil à luz da dúvida, a qual, imediatamente depois recomposta, contra ela investe. E que não me ocorrem outras. Com efeito, passado o instante, o pensamento recomeça o seu curso, a dúvida se reinstala, e este próprio fato torna duvidoso o instante. Não pôsse a marca que o instante deixou no intelecto, o melhor seria talvez, do ponto de vista intelectual, negar o instante. Mas a marca fica no intelecto. Em bora, portanto, nada possa eu dizer intelectualmente satisfatório sobre o próprio instante, posso falar a respeito da marca. É a essa marca que a presente conferência será dedicada.

Começarei por uma definição, que será, com efeito, uma variante da definição da língua que dei numa das conferências passadas: A língua é o conjunto das marcas deixadas pelos instantes da invasão do nada. No contexto epistemológico chamei essas marcas de "nomes próprios". No contexto ético chamarei-as de "mitos". Neste contexto proponho o termo "verso". Nome próprio, mito e verso são três aspectos das marcas do nada. A língua é, epistemologicamente, a predicação de nomes próprios, éticamente a ritualização de mitos, e esteticamente a conversação de versos. Consideremos o verso.

Passado o instante da invasão do nada, o pensamento se recompõe. Reemerge do nada. Mas reemerge enriquecido. Contém um pensamento novo. Este novo pensamento pode não ser muito decisivo para a conversação subsequente, mas é um pensamento original. Não é uma variação sobre temas propostos ao intelecto pela conversação geral, mas é, pelo contrário, um tema proposto à conversação. Não é resultado do progresso da dúvida, mas algo a ser duvidado. É um pensamento posterior, isto é para dentro da língua, de lá, isto é do nada. Por de lá para cá, produzindo portanto, é chamado em grego "poiein". O novo pensamento é um pensamento produtivo, poético portanto.

formalmente é o novo pensamento, como todo pensamento, uma frase. É composto de palavras de acordo com as regras da língua. Mas distingue-se das demais frases por sua originalidade. Essa originalidade pode, às vezes, ser formalmente constatável, quando por exemplo a frase contém uma palavra nova, ou uma estrutura nova. Na maioria das vezes, entretanto, a originalidade reside no contexto das palavras na frase, isto é num esforço de predicção novo. Neste sentido podemos dizer, que, muito embora normalmente a nova frase possa conter somente nomes antigos, estes são, no seu contexto original, nomes próprios novos. É devido a esta originalidade que chamei de "versos" as novas frases. Tomemos como exemplo o verso mais decisivo da conversação ocidental: Eu sou quem sou. (Ani Jehová). É possível que a palavra Jehová (quem sou) não ~~seja~~ formalmente nova quando este verso se verteu sobre a conversação, mas trata-se, evidentemente, de um nome próprio novo. A contemplação desta frase ajuda a compreensão do caráter do verso. O verso, recém-surgido do nada, atesta o nada em sua vibração e densidade. A aura de vibração e densidade em seu redor, ou para falarmos formalmente, a intensidade de seu conteúdo e sua estrutura, é de tal maneira acentuada, que ~~que~~ parece, à primeira vista, impenetrável à conversação. Trata-se, à primeira vista, de uma frase incompreensível, indubitável, incapaz de ser submetida ao processo do pensamento. Tão denso é o verso, que a conversação parece não poder penetrar nele. O alemão chama portanto poesia de "Dichtung", isto é adensamento, ~~EXLIXA~~ impregnação, impenetrabilidade. Além disto, o verso vibra, tem "pathos". Essa vibração é como que uma emanção de uma energia que se espalha a partir do verso e se propaga, por simpatia, pela conversação a dentro, ~~como~~ como uma pedra jogada dentro do lago propaga as ondas concêntricas pelo lago afora. A densidade patética do verso é sinal de sua autenticidade. A poesia autêntica é pateticamente densa.

Ora, sabemos que a impenetrabilidade do pathos e da densidade do verso é uma ilusão. A conversação o atesta. O verso é dubitável, é conversável. Com efeito, se voltarmos para o exemplo proposto, podemos dizer, que de certa maneira toda conversação ocidental pode ser interpretada como uma penetração progressiva do verso "Eu sou quem sou". De certa maneira, toda a conversação ocidental é uma crítica desse verso. O que aconteceu no curso dessa crítica? O pathos se dissipou em vibrações sempre mais raras, e a densidade se afrouxou em ~~em~~ clareira (Lichtung) sempre mais clara. A conversação, crítica de versos que é, é um processo de prosaização (de "prorsus"=raço) e de esclarecimento. O pathos e a densidade, portanto a qualidade poética, são progressivamente transformados em prosa pela dúvida em marcha.

Recapitemos, antes de continuar: o inominável, o nada, invade, por instantes fugazes, a correnteza da dúvida para aniquilá-la. Esta invasão é a eterna repetição do salto primordial, e resulta, eternamente, num grito de espanto. O grito de espanto, denso e patético, é submetido pela dúvida a um processo de esclarecimento de acordo com as regras da língua. O verso, resultado do choque da dúvida recomposta com o nada que a ameaça, se verte em direção da dúvida para ser convertido, na conversação, em prosa. Podemos portanto dizer que a poesia é o lugar no qual a dúvida se choca com o nada, para refluir, enriquecida, no processo da crítica prosaizante chamada conversação. A poesia é resultado da força centrífuga da dúvida, e a prosa é resultado da sua força centrípeta. A dúvida se expande poeticamente, e se consolida prosaicamente. Poesia é a dúvida em seu aspecto de produção, e prosa é a dúvida em seu aspecto de conversão. A poesia está com o rosto voltado para o nada, e com as costas para a língua, a prosa está com as costas para o nada, e com o rosto voltado para a língua. A poesia tem as costas protegidas pela língua, para diminuir o perigo do aniquilamento pelo nada. A prosa tem as costas protegidas pela poesia, para diminuir o perigo do aniquilamento pela perda de significado. Poesia e prosa são o verso e o averso da língua que se protegem mutuamente.

Chegou o momento de considerarmos, embora superficialmente, o papel do intelecto individual no tecido da língua, pelo menos dentro do contexto sugerido pela poesia. Definirei, provisoriamente, o intelecto individual como o lugar dentro da língua no qual as reses se cruzam, se rearupam e no qual o nada invade a língua. Deste ponto de vista é a língua o conjunto de intelectos unidos por frases. Peço aos senhores ~~que~~ *que suspendam* a discussão destas definições até conferências futuras. Ora, se ~~reocitarmos~~ *reocitarmos* provisoriamente essas definições, devemos poder localizar os intelectos dentro da língua de acordo com a intensidade das invasões do nada neles. Diremos que intelectos expostos a essas invasões em grau excepcional e

3  
actuados nas regiões da língua, nas quais esta se expande em direção do nada. Estes intelectos, que chamarei de poetas, são portanto como que os postos avançados da língua. Representam uma dúvida extrema, não no sentido formal, como a lógica ou a matemática a representam mas em sentido existencial. Existem à beira do abismo do nada, continuamente ameaçados por esse abismo. Vivem perigosamente, para usarmos uma frase nietzscheana abusada pelo fascismo. O poeta é o aventureiro da dúvida. A poesia é a aventura do intelecto. Nietzsche, que acabo de mencionar, é um memento dessa aventura, e do perigo que representa. Foi engolido pelo nada, sabia portanto vivencialmente daquilo do qual nos conta. Com efeito, a poesia é a única aventura digna do intelecto, já que é a única aventura produtiva. O verso é o perigo da aventura intelectual, superado. Todo verso é portanto uma vitória. A língua definida como conjunto de versos, é o conjunto das vitórias dos intelectos sobre os perigos do nada. A língua é o conjunto de aventuras vitoriosamente superadas. Pelo menos este é o seu aspecto se visto a partir do intelecto.

Mas o intelecto poético depende, em sua existência, do intelecto crítico, daquele portanto no qual os versos se reagrupam para consolidar-se, para transformar-se em prosa. Com efeito, o poeta verte o verso em direção do crítico. Podemos dizer que crítico e poeta, essas duas formas de intelecto nunca encontrados em estado destilado na realidade, mas protótipos ideais de intelecto, formam uma simbiose. O poeta depende do crítico para não ser aniquilado, o crítico depende do poeta para não perder significado. O crítico é a razão de ser do poeta, e o poeta é o significado do crítico. Tudo isto equivale a dizer que a língua é um círculo fechado sobre si mesmo, embora em expansão, e que o seu significado e sua razão de ser estão encerrados nesse próprio círculo o qual nunca poderá romper. Desse ponto de vista readquirem as vitórias, que são os versos, o seu aspecto de absurdo e paradoxal, que caracteriza toda língua.

A poesia apareceu, nestas considerações, como uma produção ex nihilo. O ~~compôgan~~ te da poesia é o aumento do território da língua. O absurdo da poesia é a inexauribilidade do nada. A língua se expande, graças à poesia, mas o nada, para dentro do qual se expande, não diminui. A língua é um cosmos em expansão explosiva dentro do caos inexaurível do nada. O grito de espanto original, que deu origem à explosão desse cosmos, e que a nutre continuamente pelo aparecimento de versos novos, nunca conseguirá encobrir o caos do nada. A frustração ~~que é a língua~~ reaparece neste contexto. O sentido trágico que caracteriza a poesia, testemunha essa frustração. É o sentido trágico do intelecto. Nele a poesia se ultrapassa a si mesma, para apontar regiões do ethos. Mas a poesia como estágio da religiosidade, a poesia como oração, será o tema de uma conferência futura.

Defini o poeta como intelecto invadido em grau excepcional pelo nada. Para poder manter essa definição, torna-se evidente que o conceito "poesia" ~~deve~~ ser re-examinado. Terão notado os senhores que o empreguei num sentido ligeiramente diferente do sentido coloquial do termo. Com efeito, o termo "poesia" tem sido utilizado, nestas considerações, como região limítrofe da língua em sua expansão rumo ao nada, região essa que representa o aspecto produtivo da língua. Ora, parece haver uma contradição entre a minha definição do termo "poeta" e o meu uso do termo "poesia". O poeta como intelecto invadido pelo nada, e a poesia como língua invadindo o nada parecem estar em contradição, na contradição que separa atividade e passividade. Esta contradição aparente é típica de todo pensamento reflexivo, quando este se aproxima dos limites da língua. As categorias gramaticais, como atividade e passividade, se coniuudem nessas regiões extremas. Essa coniução é confirmada pelo testemunho vivencial que o poeta dá do seu trabalho. Do ponto de vista da conversação, portanto do ponto de vista extrospectivo, é a poesia a suma atividade. Do ponto de vista do intelecto poético, portanto do ponto de vista introspectivo, é a poesia a suma passividade. O poeta se sente inspirado, se sente instrumento passivo de uma atividade a qual, por ele e através dele, se realiza em forma de língua. Creio que nessa aparente contradição se esconde o segredo da liberdade e da determinação humanas. Direi que a consideração da poesia revela ser a liberdade humana o aspecto da língua como crítica, e a determinação humana o aspecto da língua como poesia. Ou, para usarmos conceitos que se tornaram familiares pelo seu uso por pensadores existenciais: A língua é o projeto poético do qual o homem é a realização prosaica. O intelecto individual é a realização dos versos projetados sobre ele. O intelecto individual é a revelação linguística do inominável. Ou, como diz o mito, o homem é semelhante a Deus.

...prezadas deve ter-se tornado evidente que o conceito "língua"?  
extensão vulgarmente aceita, é estreito demais para os propósitos destas  
considerações. Defini a língua como realização progressiva das potencialidades  
contidas no projeto do primeiro grito de espanto. Esta realização progressiva é  
um desfaldar em múltiplas direções, que não se limita ao campo daquilo que cha-  
mamos "palavra". Pelo contrário, o campo da palavra ~~sensu~~ stricto não passa de  
um núcleo a partir do qual a expansão da realização linguística progride. Obser-  
vamos um instante esse progresso. O grito de espanto se realiza, em primeira ins-  
tância, como choque intelectual em forma de palavra não ~~expressa~~ expressa. A  
expressão dessa palavra, ou "a versão do verso" para usar a terminologia desta  
conferência, é o primeiro passo da expansão e equivale à integração da palavra no  
tecido da língua. Essa expressão pode dar-se em forma falada ou escrita. A pa-  
lavra falada ou escrita já é uma palavra traduzida, já sofreu as vicissitudes que  
a tradução traz consigo. Precisa ser retraduzida para dentro do intelecto ~~para~~  
retraduzir a sua plenitude, com toda problemática que essa retradução envolve. Sur-  
tem, nessa primeira expressão da palavra, dois territórios da língua: a falada e  
a escrita, e, muito embora estejam esses territórios intimamente ligados entre si  
no campo flexional, sendo a escrita derivada da falada, existe o problema da tra-  
dução entre ambos. Mas esta primeira expressão da palavra pode tomar uma forma  
mais radical, e nessa radicalidade a palavra pode ser expulsa do intelecto além  
do território da língua falada ou escrita. A radicalidade da expressão em dire-  
ção à língua falada resulta naquela conversação que chamamos "música", e a radi-  
calidade da expressão em direção à língua escrita chamamos "plástica". "Música"  
e "plástica" no mais amplo sentido destes termos são a língua falada e escrita ra-  
dicalizada. As consequências desta definição sobre os nossos conceitos de arte  
e conversação serão discutidas em conferências futuras. Mas desde já podemos con-  
statar que a estratificação da língua, da qual falei na última palestra, se apli-  
ca às formas radicalizadas que são música e plástica como igual valor como às for-  
mas centrais. A progressiva estruturalização, isto é abstração, que dá origem às  
diferentes camadas, pode ser observada na música e na pintura, como na língua fa-  
lada e escrita.

Apresso-me para voltar ao tema desta conferência. A poesia verte os seus versos  
indiscriminadamente sobre todos os territórios da língua. A língua está aberta  
em toda em todas as suas camadas e em todas as suas regiões. O poeta exprime a  
palavra que resulta do seu espanto em qualquer parte da conversação, na qual es-  
teje situado. O nosso conceito de "poesia" e de "crítica" é portanto bem mais  
vasto que o conceito tradicional. Podemos falar de uma atividade poética e crí-  
tica no campo da música, por exemplo. A atividade poética neste campo é a pro-  
posição de temas musicais no mais amplo sentido e a atividade crítica é a ela-  
boração e variação desses temas. A crítica da música no sentido convencional des-  
te termo é, com efeito, um esforço de tradução da música para a língua escrita. O  
mesmo se aplica, mutatis mutandis, à atividade poética e crítica no campo da pin-  
tura, da dança etc. Podemos falar, com direito igual, de uma atividade poética  
e crítica na camada da ciência e da lógica pura. Em todos estes terrenos a poesia  
se caracteriza por sua originalidade e pela proposição de temas, e a crítica por  
sua elaboração, seu esclarecimento e sua prosaização dos temas propostos. Com  
efeito, podemos distinguir, com relativa facilidade, a atividade poética da crí-  
tica tanto na música como na ciência, tanto na dança como na matemática, e os tes-  
teunhos dos intelectos empenhados nessas atividades corroboram a nossa distinção.  
A vibração e a densidade que caracterizam o verso autêntico, caracterizam igual-  
mente certas estatuas ou certas proposições da biologia, por exemplo.  
A poesia é uma atividade intermitente e não planejável, em outras palavras, é uma  
aventura. A crítica é uma atividade contínua e disciplinada. Todos nós somos  
poetas apenas raramente, e mesmo os maiores entre nós, os poetas sensu stricto,  
não jorram sem cessar os seus versos. Mas todos nós somos críticos sem cessar e  
sem descanso. A corrente ininterrupta, (ou apenas fugazmente interrompida) de pen-  
samentos, de dúvidas que somos, é a atividade crítica ininterrupta que somos. É  
portanto muito mais fácil falar-se em crítica que em poesia. A crítica se derrama  
a partir do verso pela língua a dentro e transborda, em saltos, qual queda d'  
água poderosa, todas as camadas. Quando a crítica se limita a uma única camada  
de significado, falamos em crítica sensu stricto. Quando transborda a sua cama-  
da, falamos em filosofia. A filosofia é uma crítica transbordante. Ou, para re-  
correr a uma imagem diversa: A filosofia é o lago, para o qual toda crítica em

CONTRATO SOCIAL  
em 20 de maio de 1939

transbordantes se dirige. Este lago da filosofia é, idealmente, o lugar geométrico de toda crítica, portanto o ponto do máximo esgarçamento, da máxima elaboração, da máxima prosaização dos versos propostos à língua. Entretanto, sabemos todos, que na realidade a filosofia não funciona desta maneira. Os intelectos situados no lago da filosofia são eles também, susceptíveis às invasões do nada, são, eles também, ocasionalmente poetas. Digo mais: estes intelectos extremamente críticos são justamente os mais expostos ao espanto. Esta circunstância absurda torna justamente a filosofia uma atividade tão fascinante e tão exasperadora. A atividade crítica que é, em base, a filosofia, é interrompida, ocasionalmente, e justamente em momentos decisivos, por instantes densos e patéticos da invasão do nada, o que torna a filosofia, aventureira e duvidosa. Embora frustrante, este fato é facilmente explicável. A filosofia, crítica suprema da língua que é, se expõe deliberadamente aos limites da língua e provoca o nada. Desta forma chega, por assim dizer pelo caminho comprido através do cosmos, ~~para~~ ao ponto de partida. E a língua se desvenda, também neste contexto, como estando fechada sobre si mesma. A atividade poética o põe diretamente e vivencialmente, a suma atividade crítica, a filosofia, o prova indiretamente e intelectualmente, e, por salto qualitativo, também e de novo, vivencialmente.

Em toda esta palestra considerarei a língua como obra. Com efeito como obra que resulta da colaboração de duas atividades: da poética e da crítica. É neste sentido que podemos dizer ser a língua resultado de uma convenção. Como vêm os senhores, não se trata de um contrato no sentido dado a este termo pelos pensadores do iluminismo. A origem da língua não é algo que corresponde ao "contrato social" mítico do século 18, mito este que infesta ainda hoje algumas especulações políticas. A convenção que está na base da língua é uma convenção que a dúvida estabelece consigo mesma. Concorde consigo mesma em criticar sistematicamente o verso que ela própria criou ao duvidar do totalmente diferente que a espantou. A língua é resultado não de uma, mas de diferentes convenções intestinais da dúvida. Esta concepção, que confesso ser um pouco difícil, será discutida futuramente.

Répto, considerarei a língua como obra. Que tipo de obra? Evidentemente como obra de arte. Com efeito, a língua, resultado da colaboração ~~da~~ <sup>entre</sup> poesia e crítica, é a única obra de arte, e tudo aquilo que chamamos obra de arte vulgarmente não passa de elo subordinado da corrente suprema que é a língua como obra. Uma teoria estética, cujos méritos não cabe discutir aqui, ensina que a finalidade, a meta, enfim o significado da obra de arte é "a beleza". Podemos tranquilamente acolher este termo, a despeito de sua nebulosidade, no presente contexto. Embora tenha ~~eu~~ que lutar contra o entusiasmo que me invade ao contemplar a língua em sua busca da beleza, não resisto em declarar que "beleza" é talvez o melhor termo a empregar em nossa tentativa de denominar o significado da língua. O pensamento que somos, a dúvida que somos, enfim a língua que somos, é uma busca da beleza. Os conhecimentos que o progresso da nossa dúvida produz são estações na estrada rumo à beleza. A validade do pensamento, representado aparentemente pela soma dos conhecimentos, é, sob visão total, a sua busca da beleza. Neste sentido, e neste sentido somente perde a língua o seu aspecto frustrante. Porque o conhecimento parcial como etapa para o conhecimento total, "a sabedoria" jamais alcançável, é frustrante. Mas o conhecimento parcial como etapa para a beleza total, embora igualmente jamais alcançável e, digo mais, jamais imaginável, nada tem de frustrante. A beleza parcial, (se é que este conceito tem significado) já é a beleza tout court. Podemos portanto dizer que o pensamento é belo, que a língua é bela, e que esta beleza da língua cresce constantemente graças à colaboração da poesia e crítica. A língua é bela e cria beleza, e nós, como intelectos integrados na língua, participamos dessa beleza e dessa criação de beleza. Confesso, entretanto, de que esta minha convicção é eufórica e entusiástica, e que teria grande dificuldade em precisar o que entendo por "beleza" se os senhores forem pressionar-me neste sentido. O melhor que posso fazer é dizer que a língua, por criar um cosmos organizado em oposição ao caos do inarticulado, um cosmos denso e patético portanto, em oposição ao caos vazio e inefetivo, cria realidades ordenadas, e que realidades ordenadas são sinônimo de beleza. Mas esta minha tentativa de definição fica muito aquém da força de convicção, que a palavra "beleza" carrega consigo.

Aceitar a língua como arte pura, como art pour art sem ulterior engagement, é uma decisão a um tempo eletrizante e melancólica, é, com efeito, um sacrifício no sentido religioso do termo. Porque é preciso confessar que o conceito do belo é aliado, misteriosamente, do conceito do bom (kalokagathia). Deixem-me encerrar esta palestra com este acorde melancólico e misterioso.